



MODELO PARA O RESUMO

Ana Livia Alves da Silva¹, Seonara da Silva², Tânia Régia Filgueiras de Oliveira², Michelly Pereira de Sousa Cordão³
tania.regia@professor.ufcg.edu.br e michelly.pereira@professor.ufcg.edu.br

Projeto:

SEXUALIDADE, GÊNERO E DIREITOS HUMANOS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR: UMA EXPERIÊNCIA DE EXTENSÃO

Resumo: Educar através de um processo que desnaturaliza e estranha as realidades sociais, sobretudo no que concerne às categorias gênero, sexualidade, raça, etnia, entre outros, buscando promover uma educação pautada no feminismo interseccional, que tem como objetivo erradicar preconceitos como machismo, racismo e LGBTfobia, são os norteadores deste projeto, que desenvolveu sete oficinas, baseadas em jogos, na Escola Cidadã Integral Itan Pereira.

Palavras-chaves: Gênero, Sexualidade, Educação.

1. Introdução

Podemos identificar as ideias e concepções que envolvem o gênero e a sexualidade como sendo construções performativas, histórica e culturalmente situadas (Scott, 1995) [1], que criam moldes de gênero, sob os signos opostos feminino e masculino, e modelos de sexualidade que ganham aparência de normalidade nos discursos científicos e populares, com base na patologização de tudo aquilo que foge das concepções binárias de ser, sentir e existir (Foucault, 1988) [2].

Essas construções sociais, carregadas de símbolos e regras delimitadas, correspondem a uma forma de organização da vida social que nasce a partir das demandas do capitalismo e do patriarcado (Federici, 2017) [3], que elaboram uma sociedade marcada por relações de poder, com papéis e possibilidades pré-definidas.

Portanto, as relações que perpassam as dinâmicas envolvendo gênero e sexualidade podem ser situadas em campos de poder, que colocam em oposição o masculino, atrelado à força e virilidade, e o feminino, atrelado à delicadeza e submissão, gerando uma submissão do feminino em relação ao masculino (Bourdieu, 2012) [4].

A dominação masculina, que pode ser entendida como uma dominação patriarcal, tendo em vista que o agente dominador não são diretamente os homens, mas, antes de tudo, a concepção de masculinidade, que pode, ou não, inscrever-se e encontrar-se em corpos de homens e mulheres, sendo estas, categorias desvinculadas do sexo biológico (Butler, 2018) [5].

Levando em consideração que

A dominação masculina encontra um de seus melhores suportes no desconhecimento, que favorece a aplicação, ao dominante, de categorias de pensamento engendradas na própria relação de dominação (Bourdieu, 2012, p. 98)

Urge a necessidade de discutir a temática gênero e sexualidade entendendo as relações de poder situadas em campos de disputas simbólicas e colocando que todos os seres humanos são agentes de mudança e aliados a luta anti patriarcal, buscando inverter o princípio esquadrihador do espaço escolar que

tem obrigação de nortear suas ações por um padrão: haveria apenas um modo adequado, legítimo, normal de masculinidade e de feminilidade e uma única forma sadia e normal de sexualidade, a heterossexualidade; afastar desse padrão significa buscar o desvio, sair do centro, tornar-se excêntrico. (Louro, 2003, p. 44)

É por esse caminho transgressor que o presente projeto busca seguir, incitando uma forma de pensar que busca problematizar as categorias de gênero, estimular o estranhamento dos padrões de gênero e a desnaturalização de estereótipos, visando abrir caminhos, através da educação, para a construção de uma sociedade igualitária, buscando a redução das violências de gênero e de sexualidade, que tem como força motriz o machismo e a LGBTfobia, enquanto forma de violência incitada pelo patriarcado e capitalismo.

Com isso, buscamos seguir uma linha de abordagem que tem como principal objetivo apresentar aos educandos, do ensino médio, ferramentas de análise da realidade social que desvinculam gênero e sexualidade

¹ Graduanda em Ciências Sociais Licenciatura, UFCG, Campus Campina Grande, PB. Brasil.

Seonara da Silva, Graduanda em Ciências Sociais, UFCG, Campus Campina Grande, PB. Brasil

² Tânia Régia Filgueiras de Oliveira, Professora do Magistério Superior, Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, Centro de Humanidades e Coordenadora do curso de Ciências Sociais Bacharelado, UFCG, Campus Campina Grande, PB. Brasil.

³ Coordenadora, Professora do Magistério Superior, Unidade Acadêmica de História, Centro de Humanidades UFCG, Campus Campina Grande, PB. Brasil.

de discursos biologizantes e essencialistas, colocando, sobretudo, que os conceitos trabalhados são frutos de construções sociais situadas em contextos culturais, históricos e geográficos, que orientam a nossa forma de compreender o mundo que nos cerca.

Em suma, o projeto é um convite para desconstruir uma forma de enxergar o mundo alicerçada no machismo, a fim de reconstruir uma visão que leva em consideração os direitos humanos, assim como sua história, atualidade e possibilidades, na tentativa de criar, um passo de cada vez, um futuro que caminha para a redução das violências de gênero e de sexualidade.

Situando as discussões em um contexto local, realizando pontes com fontes externas, colocando as culturas brasileiras em destaque a partir da comparação com culturas exteriores, buscando trazer o debate de conceitos e temas para a realidade dos estudantes, nos deparamos com a necessidade de trabalhar sob o escopo de um feminismo interseccional, que entende os cruzamentos entre diferentes realidades, considerando a importância de contextualizar as discussões a fim de entender a importância das mulheres negras no movimento feminista, que conquistou incontáveis direitos políticos e sociais para as mulheres, assim como, entender o papel das mulheres transgênero e travestis na luta das mulheres e das pessoas LGBTQIAPN+, e entender, que a luta anti patriarcal é um espaço para todas as pessoas, incluindo homens cisgênero, que são afetados negativamente pelo patriarcado.

Dessa forma, colaboração, empatia, solidariedade e senso de comunidade são as palavras-chave da construção deste projeto, que emerge da necessidade de criar pontes entre o conhecimento produzido na universidade e o mundo que a cerca. Não é preciso distanciar-se muito do espaço universitário para encontrar a escola que abrigou este projeto de extensão, a Escola Cidadã Integral Itan Pereira, que abriu os portões para nos receber, proporcionando encontros e trocas de experiência com a turma do terceiro ano B, em conjunto e consonância com o professor Rafael Leal, da disciplina de Sociologia, e uma breve colaboração com as quatro turmas do primeiro ano, com a professora Ana Cláudia, de História.

2. Metodologia

Os planos de ação e a estrutura das oficinas surgem das demandas apresentadas pelos professores, dessa forma, além de seguir a recomendação de trabalhar conforme a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) e utilizar jogos físicos e digitais, nos deparamos com a oportunidade de trabalhar com o quinto dos dezessete Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da agenda de 2030, a igualdade de gênero.

O projeto como um todo é uma construção coletiva e colaborativa, sobretudo com o professor Rafael Leal Matos, pois, o planejamento do mesmo incluía trabalhar gênero e sexualidade com as turmas do terceiro ano durante as aulas de Sociologia. Paralelamente à isso, trabalhava os ODS nas aulas da base diversificada Colabore e Inove, dessa forma, as oficinas entram como uma colaboração, onde a parte teórica era trabalhada pelo professor em sala de aula e

as oficinas exercitavam o conteúdo de forma lúdica, trazendo pontes entre o conteúdo e o cotidiano dos estudantes.

A fim de desenvolver o projeto de forma a atender as expectativas estipuladas, foram realizadas reuniões quinzenais entre bolsista, voluntária, e coordenadora, a fim de discutir o material estudado e apresentar as ideias que eram construídas por bolsista e voluntária em reuniões quinzenais, onde, além de trocar ideias produziam o material a ser utilizado nas oficinas. O contato com professores e estudantes da ECI Itan Pereira era frequente através do aplicativo *Whatsapp*.

Levando em consideração as especificidades de cada turma, montamos um cronograma que idealizava encontros quinzenais com os estudantes, visando a realização das oficinas, contudo, o cronograma idealizado e a realidade encontraram-se apresentando dificuldades que possibilitaram a realização de sete das dez oficinas planejadas.

Inicialmente, as dez oficinas foram idealizadas de forma que as cinco primeiras dariam enfoque em gênero, construção de feminilidade e masculinidade e nas violências de gênero, e as cinco últimas trariam para discussão identidades de gênero, sexualidades e as violências que as envolvem.

Sabendo que,

“ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 27) [7]

As oficinas foram pensadas de forma a colocar os estudantes como protagonistas do processo de ensino-aprendizagem, visando a construção de ferramentas de análise da realidade social, através da desnaturalização e do estranhamento da cultura que os cerca, problematizando as concepções de gênero e sexualidade hegemônicas, comumente incitadas pelo espaço escolar (Louro, 2003). Apresentando que contextos culturais e históricos criam as categorias de gênero, identidade de gênero, expressão de gênero, papéis de gênero e sexualidade, além de problematizar os preconceitos e os estigmas que cercam os corpos que fogem da norma padrão, e são marginalizadas, constituindo minorias políticas.

Para atingir estes propósitos, paralelamente as competências gerais e específicas das Ciências Humanas e suas Tecnologias, e da área de Sociologia, as atividades desenvolvidas utilizaram metodologias ativas, como jogo de tabuleiro, jogo digital, produção de pesquisas, vídeos e cartazes, entre outras, sempre relacionadas à temáticas relevantes e seguidas por discussões mediadas pelas extensionistas e pelo professor em sala.

3. Resultados e Discussões

Foram realizadas sete oficinas, que contaram com a participação de duas estudantes de graduação, trinta estudantes da educação básica, do terceiro ano B, em conjunto com o professor Rafael Leal, e com noventa estudantes da educação básica, de quatro turmas de primeiro ano, com a professora Ana Cláudia.

Na primeira oficina, intitulada de “Vidas

Desiguais: exercitando a empatia”, os educandos do terceiro ano foram separados em quatro equipes, cada uma delas recebeu um exemplar do jogo de tabuleiro “Vidas Desiguais”, criado pelas extensionistas. A ideia central do jogo é que os estudantes consigam identificar-se com os personagens, construindo pontes entre teoria e realidade e, conhecer realidades diferentes daquelas que os cercam.

No jogo, cada jogador escolhe uma cor, que corresponde a um dos seis personagens, cada um deles é acompanhado de uma carta-história, que apresenta características iniciais do avatar escolhido como nome, idade, identidade de gênero, sexualidade, raça, situação socioeconômica, assim como sonhos e o contexto que envolve a vida. Além disso, existem quatro cartas-trajetória para cada personagem, que contam acontecimentos da vida do avatar com base na idade, caso a circunstância apresentada na carta seja positiva, o jogador recebe uma vantagem, caso a circunstância seja negativa, o jogador recebe uma punição como, voltar cinco casas, ou, voltar ao início.



Figura 1: Exemplo do jogo de tabuleiro “Vidas Desiguais”.

O jogo leva a reflexão de como desigualdades sociais como machismo, LGBTfobia, racismo, capacitismo, desigualdade econômica, entre outras, influenciam nas trajetórias individuais, quebrando a ideia de meritocracia.

Após a finalização do jogo, a turma debateu os aspectos positivos e negativos identificados a partir de cada personagem. Houve a exposição de que os personagens do jogo foram inspirados em pessoas reais, como Erika Hilton e Gisberta Salce Júnior e dados estatísticos atuais, divulgados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

As dificuldades enfrentadas pelos personagens foram relacionadas à estruturas sociais como capitalismo, patriarcado e racismo. Os estudantes mostraram-se comovidos com as histórias e a discussão resultou em uma série de pontes entre o conteúdo e as vivências dos estudantes, houveram relatos impactantes, envolvendo agressão, assédio, entre outras vivências que perpassam a vida dos discentes e de pessoas próximas.

Um ponto a ser destacado é que a turma do terceiro ano B é composta majoritariamente por homens, o que trouxe percepções da realidade que fogem das vivências da bolsista e da voluntária, uma das mais relevantes, é a de que os meninos costumam associar sexo à abuso sexual, como se fossem equivalentes, dando margem para piadas e brincadeiras sobre o tema.

Este recorte foge das vivências de socialização de meninas e mulheres, pois, estas aprendem desde a infância os perigos de existir em mundo onde existem situações tão violentas que podem ser comparadas à morte em vida. Meninas e mulheres aprendem a fechar as pernas, não utilizar roupas curtas, ouvem

que, mesmo enquanto crianças, não devem provocar ou instigar os homens. Em contrapartida, meninos e homens não aprendem sobre abuso sexual, estupro e as consequências destes crimes, os deixando vulneráveis a situações de abuso.

Em suma, a socialização de meninas as ensina a reconhecer e evitar abusadores, que em sua maioria são homens, no entanto, a socialização de meninos não os ensina a respeitar os corpos femininos.

Os estudantes trouxeram exemplos de casos em que o estupro foi tratado como sexo nas redes sociais, utilizando como exemplo o caso de um adolescente que foi abusado sexualmente pela professora e os comentários, de meninos nas redes sociais, possuíam um tom de felicitação, com comentários como “realizou o meu sonho”, mostrando o desconhecimento sobre o que é um abuso sexual e as consequências físicas e psicológicas.

Partindo disto, construímos um debate sobre a diferença entre sexo consentido e estupro, além de outros temas que envolvem a sexualidade, como uso de preservativos.

O assédio também foi pauta de destaque, pois, além dos relatos das meninas e mulheres em sala, contando suas experiências com assédio desde a infância, os meninos demonstraram que o assédio, muitas vezes, na visão dos homens é encarada como brincadeira, e que os meninos são incentivados a cometer esse crime para promover e provar sua masculinidade, em função da associação entre masculinidade e agressividade.



Figura 1: Jogo Vidas Desiguais

Na segunda oficina, única que contou com a participação das turmas de primeiro ano e da professora Ana Cláudia, houve uma breve palestra mostrando que gênero e tudo aquilo que o envolve, não é natural, são construções sociais.



Figura 2: Palestra e oficina

Em seguida, houve a aplicação do jogo Vidas Desiguais, que foi discutido brevemente com cada grupo, nestas conversas percebemos como as realidades apresentadas no jogo coincidem com vivências dos estudantes, que sofreram ou presenciaram exclusão, bullying em função da violência de gênero e do preconceito contra sexualidades e identidades de gênero que fogem da norma cisgênero e heteronormativa.

Paralelamente a realização do jogo, houve a produção de fichas. Cada estudante recebeu duas

fichas, em uma delas, deveriam escrever o que entendiam como gênero e no verso, escrever uma situação de preconceito ou violência que presenciaram. Levando em consideração a quantidade de educandos, recebemos fichas com as mais diversas respostas, algumas que identificamos como respostas genuínas em níveis diferentes de conhecimento, algumas respostas retiradas da internet e uma pequena parcela de respostas com discursos de ódio, citando o ex-presidente da república Jair Messias Bolsonaro.

Entre as situações de preconceito relatadas, a maioria das fichas narrava o episódio em que os meninos impediram o acesso das meninas ao ginásio da escola, na tentativa de impedir a participação das mesmas nos esportes praticados.

Na segunda ficha, os estudantes deveriam escrever o que entendiam por sexualidade e relatar uma situação que presenciaram envolvendo a temática, as respostas variaram entre domínio do assunto, o tratando com respeito, citando tipos de sexualidade e narrativas religiosas, como “deus criou o homem e a mulher”.



Figura 2: Oficina com turmas de primeiro ano.

Por questão de logística, as oficinas com as turmas do primeiro ano tornaram-se inviáveis, com isso, as demais oficinas foram realizadas exclusivamente com o terceiro ano B, em conjunto com o professor Rafael Leal.

A terceira oficina, chamada de “Direitos das mulheres no Brasil: história e atualidades”, foi realizada com base em um jogo digital criado na plataforma Kahoot! [8]. Nesse jogo de alternativas de múltipla escolha, os participantes deveriam acertar em qual ano alguns direitos das mulheres, no Brasil, foram conquistados.



Figura 3: Exemplo do jogo na plataforma Kahoot!

Durante a discussão, os estudantes demonstraram desconhecer alguns dos direitos e verbalizaram suas frustrações em reconhecer as limitações políticas e sociais que algumas mulheres enfrentaram e enfrentam ao longo dos anos. Um dos pontos de maior destaque para os estudantes é o fato de que o corpo das mulheres estava subordinado ao do pai, ou

marido, de forma que o marido poderia aplicar castigos físicos à sua esposa sem sofrer punições legais, além disso, chamou a atenção que até o ano de 2002 o marido poderia anular o casamento alegando que a esposa não era virgem. Estes pontos trouxeram discussões sobre violência contra a mulher, em que os estudantes trouxeram casos pessoais de agressão contra mulheres ao seu redor, de abandono parental e o peso que muitas mulheres carregam de gerenciar a casa e cuidar dos filhos, sendo mãe solo. Além disso, a participação das mulheres na política institucional teve grande enfoque, de forma que a trajetória da ex-presidenta do Brasil, Dilma Rousseff, foi colocada em pauta e observada de forma analítica, buscando identificar aspectos misóginos da representação da mesma na mídia utilizando capas de revistas e imagens que circulavam na Internet.

Importante destacar que os temas dos debates partiam dos estudantes. As extensionistas e o professor em sala mediarão a discussão e acrescentaram fatos, notícias, entre outros, no entanto, sempre que possível os educandos eram convidados a realizar pesquisas rápidas nos celulares, de modo que o debate fazia-se de forma colaborativa.

Essa foi a primeira oficina em que Tecnologias da Informação e Comunicação como celular e *internet* foram utilizadas. É importante ressaltar que antes da decisão de utilizar estes recursos, pesquisamos, junto ao professor, as possibilidades e dificuldades em relação ao uso.

A maior dificuldade para a realização da oficina foi a ausência de dispositivos celulares para todos os estudantes, o problema que é reflexo de desigualdades sociais (Moura, 2020) [9], foi rapidamente solucionado juntando a turma em pares. Além disso, a ausência de rede de *internet* aberta na escola, que segue um padrão no Brasil (Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2023) [10], foi contornada e os educandos utilizaram a *internet* por operadora de celular disponibilizadas pela bolsista e voluntária.



Figura 4: Direitos das mulheres no Brasil: história e atualidades

A discussão proveniente do dinâmica realizada passou por como os direitos humanos, assim como os direitos das mulheres, não são naturais ou permanentes, a existência deles é fruto de um conjunto de mobilizações que tem como objetivo assegurar direitos sociais, políticos e civis, como constam na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, conhecida como constituição cidadã, em função dos direitos humanos que ela garante a todos brasileiros, brasileiras e brasileiros, vinculados ao país através de jus sanguinis ou jus soli, assim como, naturalizados e imigrantes.

Realizando pontes com os direitos humanos de

outros países, mostrando como educação, segurança, liberdade entre outros direitos são fruto de conquistas, as relacionamos com o movimento feminista interseccional, apontando como os direitos das mulheres não são homogêneos, são perpassados por questões étnicorraciais, de classe, sexualidade, identidade de gênero, idade, localização geográfica, entre outros.

Para realizar recortes, citamos a história de Malala Yousafzai, trechos do livro Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus, assim como, cenas da série brasileira Coisa Mais Linda, dirigida por Caio Ortiz, Hugo Prata e Julia Rezende. Colocando sempre que todas as pessoas podem fazer parte da luta, pois,

O movimento feminista acontece quando grupos de pessoas se reúnem em torno de uma estratégia organizada no intuito de combater o patriarcado. (hooks, 2019, p. 16) [11]

Visando a construção do elo entre o conteúdo debatido no espaço escolar e a vivência dos estudantes, os mesmos foram instruídos a dividir-se em grupos, selecionar um dos direitos contidos no jogo e realizar pesquisas, na forma de entrevistas, a fim de verificar se a comunidade conhece o direito selecionado, como o enxerga e como ele funciona na prática.

Na quarta oficina, os resultados das pesquisas foram apresentados de forma oral, utilizando recursos como textos informativos, slides e vídeos verticais, as dificuldades em relação ao uso de recursos eletrônicos foram contornadas de modo que todos participaram.



Figura 5: Quarta oficina

As pesquisas, que poderiam ser realizadas com qualquer grupo da comunidade que os cerca, desde familiares à professores e colegas, giraram em torno da comunidade escolar, demonstrando que alguns dos direitos mencionados eram desconhecidos, e não eram aplicados na prática, pois, apesar da legalização de alguns direitos, existiam regras sociais implícitas, na forma de um poder simbólico, que reforçava os padrões de gênero.

Uma das pesquisas que girou em torno dos desafios da inserção das mulheres nos esportes, sobretudo no futebol, realizada com alunas, alunos e a professora de educação física, demonstrou que a percepção deste grupo de que o machismo é uma das principais causas da exclusão das mulheres nos esportes. Uma das formas para contornar este problema seria o investimento em políticas públicas, tanto para o esporte, quanto para a educação, a fim de quebrar com pensamentos preconceituosos.

Outra pesquisa, sobre a Lei Carolina Dieckmann, trouxe frutos para além dos resultados da pesquisa,

pois gerou um importante debate em sala de aula sobre consentimento, compartilhamento de fotos íntimas sem autorização e as sanções legais para este tipo de comportamento que surge a partir da lei anteriormente mencionada.

O debate final girou em torno de como poderíamos efetivar estes direitos na vida cotidiana, através de ações políticas diretas e indiretas, através da conscientização da população, especialmente com a responsabilidade que surge quando estamos cientes das problemáticas que envolvem certos comportamentos.

Para motivar os participantes algumas oficinas contaram com o sorteio de brindes, como chocolates e livros, nesta oficina sortearmos os livros Feminismo em Comum para Todas, Todos e Todes, de Márcia Tiburi, e Pequeno Manual Antirracista, de Djamila Ribeiro.



Figura 6: Sorteio dos livros

A quinta oficina surgiu como uma demanda de alinhamento com o calendário do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), com isso, a oficina “Gênero e Sexualidade no ENEM”, contou com o resgate de questões de quatorze questões envolvendo a temática, coletadas nas provas de 2015 à 2023.

Os enunciados e alternativas foram enumerados, separados e colocados em vinte e oito balões, além disso, havia quatro balões premiados com chocolate, espalhados pela escola. Os estudantes saíram de sala em busca dos balões, ao retornarem, guardaram os celulares, estouraram os balões e reuniram-se em duplas para responder às questões.



Figura 7: Caça aos balões

Após o momento reservado para a resolução das questões, os estudantes indicaram a alternativa selecionada pela dupla e as extensionistas comentaram as questões, explicitando as alternativas corretas e incorretas.

A turma demonstrava preparação para responder as perguntas que envolviam temas como estereótipos de gênero, participação das mulheres na política

partidária, interseccionalidade entre gênero e raça, feminicídio, Lei n.11.340/06 (Maria da Penha), conceito de gênero e cultura no pensamento de Simone de Beauvoir, movimento LGBTQIAPN+, entre outros.



Figura 8: Gênero e Sexualidade no ENEM.

Levando em consideração a importância de um feminismo interseccional, que entenda os homens como parte da solução e não dos problemas gerados pelo patriarcado, a sexta oficina, “Os Homens e o Machismo”, contou com a colaboração do psicólogo Gabriel Farias Diniz, e buscou relacionar vivências masculinas ao machismo, mostrando como estas são prejudiciais para a saúde mental, e a vida como um todo, pois,

Garotos precisam ter a autoestima saudável. Eles precisam de amor. E políticas feministas sábias e amáveis podem proporcionar a única fundamentação para salvar a vida dos garotos. O patriarcado não vai curá-los. Se esse fosse o caso, todos eles estariam bem. (hooks, 2020, p. 108) [9]

A oficina iniciou-se com uma discussão de como o machismo, visto como prejudicial às mulheres, pessoas não-binárias, de gênero fluído entre outros, também são prejudiciais aos meninos e homens, levando a uma supressão das emoções e uma exaltação da violência e agressividade. Os estudantes compartilharam frases machistas que ouviram durante sua vida e até mesmo agressões vivenciadas, e como estes prejudicaram sua trajetória.

Em seguida, os meninos, divididos em três grupos, criaram cartazes mostrando o que é ser homem na percepção deles e, as meninas, reunidas em um único grupo, criaram um cartaz descrevendo o que é ser homem na visão delas.



Figura 9: Elaboração dos cartazes

Os resultados dos cartazes foram apresentados, os contrastes entre a visão dos meninos e das meninas é notável. Através dos contrastes discutimos como os meninos e homens são socializados, quais aspectos positivos e negativos os estudantes identificaram e como poderiam ser e agir de uma forma mais saudável para eles e todos ao seu redor.



Figura 10: Os homens e o machismo

Os cartazes dos três grupos compostos por meninos, respondendo a pergunta “O que é ser homem?”, contaram com afirmações como: “responsabilidade com a família”, “sustentar a casa”, “fazer a barba”, “provedor”, “protetor”, “não beber”, “não fumar”, “respeitoso”, “honesto”, entre outros. A única afirmação repetida em todos os cartazes foram variáveis da palavra fiel.



Figura 11: A percepção feminina.

O cartaz do grupo das meninas contou com afirmações como: “falar o que sente”, “prestativo”, “fofo”, “sincero”, “amorosos”, “caprichoso”, “bom moço”, “cavalheiros”, entre outros.

A sétima e última oficina, “Gincana do Gênero e Sexualidade”, foi realizada com base em um jogo em que os estudantes, divididos em duas equipes, responderam perguntas sobre gênero e sexualidade.

Na dinâmica, cada grupo possuía um líder, o líder deveria escolher um jogador para responder 22 perguntas, dispostas em três rodadas, na primeira rodada os jogadores deveriam identificar se as afirmações eram verdadeiras ou falsas, na segunda deveriam completar as frases com as alternativas expostas e na terceira e última deveriam argumentar sobre uma pergunta relacionada ao tema. Cada resposta errada resultava em uma punição, como borrifada de água ou mancha de tinta, cada resposta correta resultava em acúmulo de pontuação. Ao final, a equipe com maior pontuação venceu o jogo.



Figura 12: Gincana do Gênero e Sexualidade.

A cada rodada uma breve discussão sobre a questão era realizada, de forma que discutimos papéis de gênero, sexo biológico, buscando distanciar-lo da construção de identidades, assim como, identidade de gênero e os conceitos de pessoa cisgênero, transgênero e não-binária, expressão de gênero, sexualidades, direitos humanos e das mulheres, movimento feminista, movimento LGBTQIAPN+, abuso sexual, taxas de suicídio com recorte de gênero, entre outros.

Esses conceitos e outros eram familiares aos estudantes, pois, durante as aulas de Sociologia os mesmos estudaram os conceitos, as oficinas serviam como um exercício complementar, com isso, destacamos a presença e dedicação do professor Rafael Leal, para com a sua turma e com a comunidade como um todo, pois,

Mulheres e homens já deram grandes passos na direção da igualdade de gênero. E esses passos em direção à liberdade devem nos dar força para seguir mais adiante. Devemos ter coragem para aprender com o passado e trabalhar por um futuro em que os princípios feministas serão o suporte para todos os aspectos da nossa vida pública e privada. (hooks, 2020, p. 167)

Finalizamos o projeto com sete oficinas precedidas da construção de base teórica, reuniões, planejamentos e elaboração de materiais, visando desenvolver oficinas educativas, que exercitassem um pensamento de base feminista, o entendendo como movimento social de colaboração de todas as pessoas na luta anti patriarcal, a fim de mitigar os efeitos violentos deste.

Buscamos fornecer ferramentas de análise social que permitissem que os estudantes enxergassem o mundo sob um olhar baseado nos direitos humanos, no respeito às mulheres e a população LGBTQIAPN+, entendendo as interseccionalidades que atravessam as pessoas.

Encontramos desafios no caminho, pois, na maior parte de nosso trabalho, nos deparamos com meninos e homens envolvidos em uma cultura misógina, que reproduzem violências simbólicas que são

prejudiciais para minorias políticas, mas, também para eles. Partindo disso, buscamos abordar diversos temas que são relevantes na construção de uma identidade que respeita as diversidades, mas, que cuida que si, entendendo seus limites, as violências que os cercam e como lidar com estas, com isso, abordamos temas como consentimento, abuso sexual, abandono parental, homofobia, suicídio, saúde mental dos homens, entre outros, na tentativa de fazer-los compreender que o machismo prejudica a todos.

O projeto refere-se a um trabalho coletivo tecido cuidadosamente e com afeto, de forma que os estudantes da educação básica participaram da construção do mesmo, trazendo informações importantes aos debates que foram construídos, além de dúvidas e depoimentos. É inviável descrever meses de colaboração em poucas linhas, mas, é fato que as discussões giraram em torno de temas relevantes, proporcionando uma visão nova para os educandos, mas, também, para o docente em sala e para as educandas-educadoras, que chamamos de extensionistas.

4. Conclusão

O projeto de extensão, uma parceria da Universidade Federal de Campina Grande com a comunidade externa, criou uma gama de oportunidades, possibilitando trabalhar e desenvolver, especialmente junto aos estudantes do ensino médio, ferramentas de análise social que possibilitam a edificação de uma forma de pensar, ser e agir, que foge do machismo e da LGBTfobia, contribuindo com o quinto Objetivo de Desenvolvimento Sustentável, a igualdade de gênero.

O impacto do projeto vai além das trocas de conhecimento realizadas durante período designado para sua elaboração e implementação, ele modifica vidas a partir da construção de um olhar crítico, não apenas para os educandos da educação básica, mas, também, para a bolsista, que acumulou bagagem teórica e prática que servirá como arcabouço na sua futura atuação enquanto docente.

O projeto planta sementes que podem gerar mudanças na sociedade, através de ações cotidianas, ou de políticas públicas, a importância de questionar, criticar e denunciar situações de violência e desigualdade foram reforçadas ao longo do projeto, assim como, a necessidade de assumir uma postura ética, que promova a igualdade social.



Figura 13: Laços e afetos.

Educar é um ato de amor ao próximo, construir um amanhã melhor é dever de todos.

5. Referências

[1] SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de

análise histórica. Educação e realidade. 20(2): 71-99. jul./dez.1995.

[2] FOUCAULT, Michel História da Sexualidade I: A vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

[3] FEDERICI, Silvia. Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva/ SilviaFederici. Título original: Caliban and the Witch: Women, the Body and PrimitiveAccumulation. Tradução: coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017. 464 p.

[4] Bourdieu, Pierre, 1930-2002. A dominação masculina/Pierre Bourdieu tradução MariaHelena Kühner. - 11º ed. - Rio de Janeiro Bertrand Brasil, 2012. 160p.

[5] BUTLER, Judith. Problemas de gênero [recurso eletrônico]: feminismo e subversão da identidade / Judith P. Butler; tradução Renato Aguiar. - . ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

[6] LOURO, Guacira. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p.07 a 42, 2019.

[7] FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire. - São Paulo: Paz e Terra, 1996. — (coleção Leitura)

[8] KAHOOT!, 2012. Kahoot! Jogar e criar quizzes (versão 5.8.6.) [Aplicativo]

[9] MOURA, Luzia Menegotto Frick de; LUCIANO, Edimara Mezzomo; PALACIOS, Rosiane Alves; WIEDENHÖFT, Guilherme Costa. Exclusão Digital em processos de Transformação Digital: uma revisão sistemática de literatura. Revista Gest@o.Org, v. 18, ed. 2, 2020, p. 198-213.

[10] Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras [livro eletrônico] : TIC Educação 2022 – Survey on the use of information and communication technologies in Brazilian schools : ICT in Education 2022 / [editor] Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. -- 1. ed. -- São Paulo : Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2023.

[11] hooks, bell, 1992 - Teoria Feminista: da margem ao centro / bell hooks ; tradução Rainer Patriota. — São Paulo : Perspectiva, 2019. — (Palavras Negras)

[12] hooks, bell, 1992 - O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras/ bell hooks; tradução Bhuvli Libanio. — 10ª ed. — Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020. 176 p.; 21 cm.

pela gentil colaboração, à Sayonara da Silva, estudante de Graduação em Ciências Sociais e voluntária, pois, sem ela este projeto não seria possível. À UFCG pela concessão de bolsa por meio da Chamada Propex 003/2024 PROBEX/UFCG.

Por fim, um agradecimento caloroso aos educandos e às educandas que abriram o coração para nos receber.

6. Agradecimentos

Agradecemos à ECI Itan Pereira pelo acolhimento, à professora Ana Cláudia pela disponibilidade, ao professor Rafael Leal pela frutífera parceria, à Gabriel Farias Diniz, Psicólogo,